

AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM NA PERSPECTIVA DA ALTERNÂNCIA: A EXPERIÊNCIA NO CURSO TÉCNICO EM AGROPECUÁRIA DO IF BAIANO *CAMPUS SERRINHA*

Cassiana Mendes dos Santos Almeida¹

RESUMO

Este trabalho tem o intuito de descrever e analisar a experiência avaliativa desenvolvida no curso Técnico em Agropecuária do IF Baiano *Campus Serrinha*, operacionalizado na perspectiva da Pedagogia da Alternância. O trabalho articulado pelo componente curricular Seminário Integrador procurou associar os conteúdos dos demais componentes curriculares, através de um Projeto Integrador implementado em comunidades rurais, considerando a relação entre saberes teóricos e práticos que é fundamental na formação técnica e profissional. O referencial teórico-metodológico utilizado, a exemplo de Celso Vasconcelos (1998), Cipriano Luckesi (2000), Dante Moura (2008) e Jussara Hoffman (2013; s/d), ajudou a constatar que a concepção de avaliação praticada caminha em consonância com as definições de avaliação mediadora, a qual se contrapõe à avaliação punitiva. A socialização das intervenções no II Seminário Integrador da Agropecuária demonstrou que a avaliação contribuiu na formação dos técnicos em Agropecuária, no sentido de garantir os princípios da Pedagogia da Alternância quanto ao respeito aos saberes tradicionais e sua relação com o conhecimento científico.

Palavras-chave: Avaliação da Aprendizagem; Formação Técnica; Pedagogia da Alternância.

INTRODUÇÃO

A avaliação é um desafio para muitos educadores. O seu formato de julgamento, que ainda perpetua nos processos educativos, tem provocado alguns estudiosos (LUCKESI, 2000; HOFFMAN, 2013; VASCONCELOS, 1998) a questionarem o modelo de avaliação hegemônico e auxiliar na construção de uma nova perspectiva da Avaliação da Aprendizagem, em busca de superar a punição e dar lugar à um instrumento mais dinâmico e com possibilidades de formação.

O presente trabalho resulta de uma inquietação acerca dos processos avaliativos no Curso Técnico em Agropecuária (Subsequente) ofertado pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano (IF Baiano), no *Campus Serrinha*. O público atendido concluiu o Ensino Médio e busca uma formação técnica no intuito de se inserir no mundo do trabalho. Os

¹Professora do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico, área de Educação do Campo – IF Baiano *Campus Serrinha*. Mestra em Educação do Campo (UFRB/CFP). Especialista em Educação do Campo e Desenvolvimento Territorial do Semiárido Brasileiro (UFRB/CFP). Licenciada em Pedagogia (UNEB/Campus XVI), cassiana.almeida@ifbaiano.edu.br

componentes curriculares estão organizados no intuito de garantir o conhecimento teórico-prático da área a partir de uma metodologia diferenciada: a Pedagogia da Alternância.

O objetivo do trabalho é descrever e refletir sobre os processos de avaliação conduzidos durante dois semestres com uma turma de formandos em Técnico em Agropecuária, à partir do componente curricular Seminário Integrador. Esse trabalho justifica-se pela necessidade de reflexão sobre o que realmente cabe avaliar em um curso de formação técnica e profissional voltado para estudantes, em sua maioria, advindos do campo.

As informações emergem da minha experiência como docente, na qual pude propor algumas práticas, a partir de uma perspectiva crítica sobre os processos de avaliação, portanto, busquei elucidar o trabalho realizado nos componentes curriculares Seminário Integrador II e III, desenvolvidos nos semestres 2018.2 e 2019.1, respectivamente.

A literatura utilizada, no presente artigo, tratou da avaliação mediadora, que se contrapõe à uma perspectiva tirana, que submete estudantes e os ameaça. No estudo, buscou-se examinar obras de teóricos que fazem uma discussão crítica sobre os aspectos da avaliação, buscando um avanço na concepção de avaliação punitiva. Os autores Celso Vasconcelos (1998), Cipriano Luckesi (2000) e Jussara Hoffman (2013; s/d) foram de fundamental importância para o subsídio teórico às categorias já citadas.

Ao longo do processo foi possível perceber que os momentos de avaliação na perspectiva mediadora e formativa promoveu espaços de aprendizagem, tanto quanto nas aulas expositivas e outros momentos. Além disso, a culminância dos projetos socializados no evento intitulado II Seminário Integrador da Agropecuária (realizado entre os dias 11 e 12 de junho de 2019) demonstrou que o conhecimento alcançado pelos estudantes foi integrado entre os componentes curriculares e ainda relacionou teoria à prática.

Os resultados apontam que é possível viabilizar uma avaliação numa relação dialógica da construção do conhecimento e que ao invés de punir, dá possibilidades para mediar a formação do Técnico em Agropecuária.

METODOLOGIA

Como afirma Minayo (1993), a pesquisa constitui-se em uma atitude e prática teórica de constante busca que define um processo intrinsecamente inacabado e permanente. Por partir de uma experiência docente em curso, o trabalho buscou dialogar com fundamentos teóricos que ajudassem a refletir criticamente sobre ações práticas adotadas. Em princípio, não existiu a ideia de sistematizar o trabalho desenvolvido em sala, mas com o passar dos meses, a

inquietação foi aumentando e a necessidade de aprofundar os estudos sobre a diversificação dos instrumentos avaliativos foi surgindo.

Portanto, neste texto, descreve-se uma experiência que teve a intenção de alterar os instrumentos de avaliação da aprendizagem, num curso Técnico em Agropecuária (Subsequente). À medida que o componente curricular foi se desenvolvendo, os estudos foram sendo aprofundados, à fim de analisar se as avaliações estavam adequadas à proposta do curso e quais os resultados que ela podia apresentar em relação à formação profissional e técnica. A análise bibliográfica tomou como fontes referenciais teóricos que compreendem a avaliação enquanto elemento formativo no processo de ensino-aprendizagem.

CONCEPÇÕES DE AVALIAÇÃO

A avaliação da aprendizagem sempre esteve presente nas discussões de educadores. Enquanto instrumento do processo educativo, ela se deu, historicamente, com fins de apreciação do progresso de um estudante. Segundo Luckesi (2000), a avaliação se difere dos exames. Para este autor, enquanto a avaliação inclui, os exames selecionam e excluem. No entanto, nós educadores sabemos que essa perspectiva ainda é rara nos estabelecimentos de ensino. Na maioria das vezes, ainda utilizamos a avaliação apenas como um instrumento classificatório, sem refletir sobre as causas daquele fracasso ou sobre quais consequências podemos ter após esse julgamento.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, nº 9.394/1996, orienta que a avaliação seja processual e contínua, envolvendo o trajeto que vai desde o planejamento da aula até a sua efetivação. Nesse contexto, do ponto de vista normativo, a avaliação deixa de ser um “bicho papão” para os estudantes e passa a ser compreendida como mais uma etapa do processo de aprendizagem. Tal percepção inaugura uma leitura mediadora do processo avaliativo, que segundo Hoffman (s/d, p. 2), pauta-se em alguns princípios como:

- a) todos os alunos aprendem sempre (princípio ético de valorização das diferenças;
- b) aprendem mais com melhores oportunidades de aprendizagem (princípio pedagógico de ação docente investigativa;
- c) aprendizagens significativas são para toda a vida (princípio dialético de provisoriedade e complementaridade).

A avaliação, nessa perspectiva, é mais que o instrumento para medir o quanto alguém absorveu de um conteúdo. Nessa concepção, o processo avaliativo visa promover o desenvolvimento de pessoas com base em desafios intelectuais, sem deixar de garantir o equilíbrio emocional na relação educador-educando, sujeitos diretamente envolvidos no

processo avaliativo. Ademais, prevê uma melhoria dos próprios instrumentos avaliativos, no intuito de observar as diversas maneiras que o sujeito tem de aprender.

AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM NO CONTEXTO DA FORMAÇÃO TÉCNICA E PROFISSIONAL

Em se tratando de avaliação da aprendizagem na Educação Profissional e Tecnológica (EPT), a situação se agrava ainda mais, visto que essa modalidade educativa emerge a partir de

uma demanda da sociedade em geral e do mundo do trabalho por profissionais cada vez mais capazes de gerar soluções e estratégias para enfrentar novos problemas ou antecipar-se a eles. Ou seja, o mundo do trabalho demanda por indivíduos autônomos que possam atuar em um ambiente de geração do conhecimento e, também, de transferência a outros contextos em constante transformação (MOURA, 2008, p. 28).

É o desafio colocado à EPT no sentido de colaborar para a (re)inclusão social, laboral e política de sujeitos, que historicamente tiveram o acesso ao ensino negado, que provoca o repensar do método avaliativo, haja vista que os sujeitos anseiam por uma formação que permita uma inserção rápida no mundo do trabalho, exigindo assim um maior diálogo com saberes que ultrapassam os limites do ambiente escolar.

No Curso Técnico em Agropecuária ofertado pelo IF Baiano *Campus Serrinha*, os estudantes têm a oportunidade de dialogar com os saberes produzidos pelas comunidades rurais do Território. Seu objetivo está explícito no Projeto Pedagógico do Curso:

formar profissionais comprometidos com o desenvolvimento econômico, social, ambiental, político e cultural de suas comunidades e de territórios rurais, a partir da preparação científica e técnica atrelada a agropecuária e integração lavoura, pecuária e floresta, de modo a abarcar o conhecimento necessário sobre a biodiversidade de fauna e flora, o uso de tecnologias agrícolas e sociais, com o intuito de construir e garantir os mecanismos de sustentabilidade e equilíbrio dos agrossistemas, além de desenvolver as habilidades necessárias para o trabalho técnico, inclusive na atuação em equipes multidisciplinares, considerando o enfoque das metodologias participativas (IF BAIANO, 2016. p. 21).

Por ser organizado na metodologia da Pedagogia da Alternância, permite a articulação entre aquilo que se estuda nos componentes curriculares, com aquilo que se planeja e se vivencia na comunidade em que se investiga/atua, fato que problematiza as características socioculturais e ambientais que demarcam o território dos sujeitos, caminhando para o desenvolvimento da capacidade teórico-prática, tão fundamental na formação para o trabalho.

Sobre essa modalidade de organização do ensino escolar, pode-se dizer, de forma geral, que ela propõe à educação um método específico de construção do conhecimento a partir da metodologia da ação-reflexão-ação, articulando diferentes experiências formativas que se

distribuem ao longo de espaços e tempos distintos. Em relação aos espaços, estão envolvidos os locais em que se desenvolvem as atividades educativas. No caso da Agropecuária, como o conhecimento está ligado ao campo, ela se desenvolve tanto no ambiente escolar, quanto na propriedade agrícola, emergindo dos próprios conhecimentos. Quanto aos tempos, eles dizem respeito aos períodos de permanência dos educandos nesses espaços. No referido curso, o Tempo Escola, ocorre dentro do ambiente escolar já o Tempo Comunidade, que oportuniza aos estudantes investigar as práticas presentes na vida cotidiana dos trabalhadores do campo, pode ser nas suas próprias localidades.

A interação entre Tempo Escola e Tempo Comunidade é uma tentativa de acompanhar a capacidade de movimento que é inerente ao ser humano e ao conhecimento. Uma vez que o conhecimento traz em si a ideia de movimento, a capacidade de renovação que se estabelece na vida cotidiana. O ir e vir do educando mediados pela pesquisa provocam e suscitam a compreensão dos diferentes tempos de formação em uma dimensão intregadora. A Pedagogia da Alternância garante um “laboratório”, não no sentido da ciência experimental, mas no sentido de práxis: a comunidade, escola, ou ambiente educativo onde o educando vive/trabalha.

Tal metodologia exige que os docentes dos diferentes componentes curriculares façam atividades integradas, dando sentido à relação entre conhecimento científico e os saberes populares. Para garantir essa integração, o Projeto Pedagógico do Curso prevê um componente curricular chamado *Seminário Integrador*, o qual tem o papel de fazer a relação com os demais componentes curriculares, possibilitando aos estudantes atuar de maneira interdisciplinar, através dos princípios da pesquisa, extensão e do ensino.

O percurso formativo estabelecido nos Seminários Integradores no Curso Técnico em Agropecuária parte da observação da realidade (1º semestre), através de um diagnóstico contextualizado das comunidades rurais que existem no Território em que o *Campus* está inserido. Em seguida (2º semestre), realiza-se a análise da realidade e uma proposta de intervenção junto às comunidades. Para fechar o ciclo (3º e último semestre do curso), os estudantes são inseridos nos diversos contextos de produção, organização e gestão de processos agropecuários, construindo um percurso sólido, mostrando-se capazes de intervir nos diversos espaços produtivos e gerenciais.

Portanto, o componente curricular “Seminário Integrador” busca articular os diversos conhecimentos que estão sendo difundidos no curso e relacionar com a realidade. Contudo, tal tarefa não é fácil, visto que exige um trabalho interdisciplinar, ou seja, uma relação entre dois ou mais ramos do conhecimento. Quando cheguei ao *Campus* Serrinha (em agosto de 2018),

assumi esse desafio em uma turma que já tinha cursado o 1º semestre, ou seja, já havia realizado um trabalho de Diagnóstico da Realidade e precisava construir uma proposta de intervenção junto à comunidade. De início, deparei-me com uma inquietação: como avaliar um trabalho integrado a outros componentes curriculares, garantindo que tais conhecimentos sejam relacionados com as práticas vividas durante os períodos de Tempo-Comunidade?

A partir da problemática acima, busquei compreender o processo avaliativo para além de um paradigma sentencioso e classificatório, como chama atenção Jussara Hoffman (s/d). Em Seminário Integrador II (no semestre 2018.2), a avaliação organizou-se em três instrumentos: a) Elaboração do Plano de Ação junto às comunidades onde foram realizados os Diagnósticos da Realidade; b) Estudo Dirigido de texto sobre Saberes Científicos e Saberes Populares e; c) Relato de Experiência sobre as atividades desenvolvidas no Tempo Comunidade. Tais instrumentos, foram elencados buscando atender a Ementa do referidos componente, que diz o seguinte:

Seminário Integrador Tempo-Escola (SITE): Construção de propostas de intervenção a partir do diagnóstico e da análise de realidade;
Seminário Integrador Tempo-Comunidade (SITC): Exposição/apresentação, análise reflexiva acerca de ações de intervenção, avaliação de ações de intervenção, debates, exercício profissional (IF BAIANO, 2016, p. 56).

A ideia foi avaliar a capacidade de articulação dos estudantes com as comunidades, identificando se os mesmos conseguiam propor uma ação de intervenção que tivesse sentido para os sujeitos. No período do I Tempo Comunidade, ainda no mês de agosto de 2018, os estudantes foram orientados a reunirem-se com as comunidades e apresentar os resultados do Diagnóstico Realizado. Nesse momento, iniciava-se a construção do Projeto Integrador que, além de contar com a relação de diferentes tipos de saberes (científico e popular), também exigia uma interação entre os componentes curriculares do curso. Como avaliação, os estudantes apresentaram um Plano de Ação, elencando como foi o diálogo com as comunidades.

Para provocar a reflexão sobre o trabalho realizado em campo, os estudantes fizeram um Estudo Dirigido a partir da leitura de textos que tratam da importância da interação entre saberes tradicionais e científicos na formação do técnico em Agropecuária². O resultado desta atividade com a turma, em geral, foi muito positivo, já que eles conseguiram perceber que havia sentido na proposta do curso e começaram a ter mais cuidado na relação com as comunidades.

A última avaliação do semestre demonstrou que aprofundar os estudos sobre o respeito aos saberes tradicionais facilitava a sua inserção nas comunidades. Ao final do semestre, a

² Os textos foram retirados do livro: KUMMER, L. Metodologia participativa no meio rural: uma visão interdisciplinar. conceitos, ferramentas e vivências. - Salvador: GTZ, 2007.

socIALIZAÇÃO da Proposta de Intervenção contou com uma banca avaliadora composta pelos professores do colegiado do curso, os quais orientaram os trabalhos em cada uma de suas áreas de atuação: agricultura, pecuária, irrigação, tecnologias sociais, gestão rural etc.

Esse foi um momento difícil para os estudantes, pois eles se sentiram pressionados ao ter que apresentar um trabalho para tantos professores. Esse formato diferente de avaliação provocou estranheza, já que os estudantes se sentiram mais cobrados por envolver diversos componentes. O semestre foi encerrado em clima de conflito. De um lado estudantes apreensivos com a necessidade de implementar o projeto nas comunidades no semestre seguinte ao tempo que percebiam uma certa resistência nas comunidades, e do outro professores preocupados como se daria o trabalho de campo.

No seminário Integrador III, por perceber que gerou inquietação dos estudantes, decidi que a cada intervenção feita, nos períodos de Tempo-Comunidade, seria atribuída uma nota. Ou seja, a avaliação seria processual e contínua. Como os projetos de intervenção estavam prontos e a ementa favorecia refletir sobre a avaliação, como pode ser visto abaixo, o objetivo foi “analisar, junto à comunidade, as propostas de intervenção, no sentido de aprofundar o conhecimento teórico-prático de forma interdisciplinar, com foco no desenvolvimento comunitário a partir de ações agropecuárias” (IF BAIANO, 2019). Esse objetivo buscou atender a Ementa que anunciava:

Seminário Integrador Tempo-Escola (SITE): Avaliação participativa de propostas de intervenção;
Seminário Integrador Tempo-Comunidade (SITC): Exposição/apresentação, análise reflexiva acerca de ações de intervenção, avaliação de ações de intervenção, debates, exercício profissional (IF BAIANO, 2016, p. 64).

A ideia era provocar uma avaliação para além da sala de aula, envolvendo também os sujeitos envolvidos nos projetos de intervenção. Logo no primeiro encontro, a partir do recurso “Mandala”³, os estudantes, organizados em grupos, começaram a discutir: o que é avaliação? O que é avaliação participativa? Para que avaliar? A princípio se se mostraram chocados, pois alguns achavam que cabia à comunidade avaliar os projetos, outros entendiam que a tarefa de avaliar envolvia apenas professores e estudantes. No entanto, já apontavam que existem outros formatos de avaliação da aprendizagem, para além da prova.

³ A mandala é um recurso bastante utilizado pelos movimentos sociais do campo. O formato é circular, o que ajuda na organização das ideias, construindo compreensões sobre os conteúdos trabalhos. Na experiência sobre a avaliação, a palavra foi colocada no centro e as pessoas foram organizadas em círculo. A cada questão lançada, os grupos, com tempo cronometrado, deveriam responder em uma palavra ou desenho o que entendiam sobre aquele tema. Ao final foram convidados a observar as respostas e refletir sobre o quanto já sabiam sobre Avaliação.

Durante o semestre 2019.1, as avaliações foram divididas em relatos orais e escritos, dando conta de apresentar o que foi desenvolvido nos períodos de Tempo-Comunidade⁴. Dentre os instrumentos avaliativos, os estudantes foram provocados a construir uma ferramenta que a comunidade avaliasse o Projeto em desenvolvimento, se havia sentido para eles e se os mesmos apoiavam. Nesse momento, eles conseguiram perceber que avaliar vai além de alcançar uma nota, pois precisavam abranger as comunidades em que estavam fazendo a intervenção. Após essa atividade, demonstraram que, por ser um processo, os sujeitos envolvidos também têm o direito de avaliar, superando o entendimento de que a avaliação é apenas uma relação docente-discente.

A cada avaliação os estudantes amadureciam em relação ao que se aprendia na escola e o que praticava nas comunidades. O compromisso em procurar os orientadores na definição das ações a serem executadas e o cuidado em respeitar as técnicas aplicadas pelos agricultores foi aumentando. Em se tratando deste último aspecto, a resistência das comunidades se reduziu e as contribuições na formação dos Técnicos em Agropecuária com base, também, nos saberes tradicionais ficava mais claro. A integração dos conteúdos começou a fazer sentido, já que os projetos começaram a exigir vários conhecimentos que foram adquiridos durante o curso, por exemplo: um projeto que tinha como foco Hortas, necessitava de técnicas da irrigação, de preparo do solo, do plantio, etc.

À partir do mês de maio/2019, os professores trabalharam o formato da socialização das intervenções que culminaria no II Seminário Integrador da Agropecuária. Chegava o momento de apresentar o trabalho construído em 3 semestres. O desafio não era apenas alcançar um conceito para ser aprovado, já que as notas atribuídas aos trabalhos anteriores foram positivas, todavia sistematizar um trabalho que enfrentou desafios, provocou insegurança na turma, visto que alcançou resultados significativos, tanto para as comunidades, quanto para os formandos.

RESULTADOS: SOBRE OS DESAFIOS ENCONTRADOS E AS APRENDIZAGENS ADQUIRIDAS

Os trabalhos produzidos foram apresentados no II Seminário Integrador da Agropecuária (SIAGRO), realizado entre os dias 11 e 12 de junho de 2019, nas dependências do *Campus*. O evento é uma atividade prevista na proposta do Curso Técnico em Agropecuária Subsequente do IF Baiano *Campus Serrinha*, destinado à exposição e socialização de atividades

⁴ O semestre conta com cinco períodos de Tempo-Comunidade (uma semana a cada mês), então foram cinco avaliações, cada uma com valor 2,0.

de ensino, pesquisa e extensão realizadas ou em desenvolvimento, cujos temas contemplam possibilidades no convívio com a seca, agricultura familiar, tecnologias agrícolas e sociais, gestão de recursos hídricos, entre outros desafios do Território do Sisal, região em que está localizado o *Campus*.

Duas turmas estavam envolvidas: a 2019.1 que apresentou o trabalho realizado em um semestre (Diagnóstico da Realidade) e a 2018.1 – turma a qual acompanhei o processo – que estava concluindo o curso e apresentou os resultados de um ano e meio (Diagnóstico da Realidade; Proposta de Intervenção; Execução e avaliação das ações). Para esta última, o formato definido foi Apresentação Oral, em que os estudantes deveriam expor: tema; objetivos; justificativa; revisão da literatura; metodologia; resultados alcançados; desafios encontrados e aprendizagens adquiridas e; referências bibliográficas do Projeto Integrador executado. A avaliação foi em formato de Banca, em que os professores da área técnica analisariam conforme os parâmetros indicados no quadro abaixo:

Quadro 01 – Critérios de Avaliação II SIAGRO/2019

Apresentação Oral	Proposta de Trabalho	Slides
Domínio do conteúdo e capacidade de argumentação; Clareza e objetividade na apresentação; Uso da linguagem técnica/científica; Responde a dúvidas com coerência/corretamente.	Tema (Compatível com o curso técnico em agropecuária?); Objetivos (Claros e factíveis?); Justificativa (Coerente e convincente?); Revisão da Literatura (Suficiente?); Metodologia (Descrição com coerência e exequibilidade?); Resultados alcançados (Relevantes/apropriados?).	Informações legíveis e corretas? Forma: organização, qualidade, orientações da ABNT? Administração do tempo

Fonte: Elaborado pela autora

Ao ter conhecimento dos critérios estabelecidos, os estudantes se assustaram. Mas considerando que o trabalho foi em uma turma de nível técnico e o evento era aberto para participação de outras turmas, essa postura era esperada, visto que a atividade exigia uma disciplina e articulação de conteúdos. Para diminuir a resistência do grupo, foi necessário uma dedicação maior, assim, as últimas aulas de Seminário Integrador III foram destinadas para a sistematização das ideias, construção de slides, bem como o preparo dos estudantes para a apresentação. Portanto, os slides eram corrigidos, devolvidos para ajustes e corrigidos

novamente. Esse movimento ajudou na segurança e empenho dos estudantes do terceiro semestre.

Nas vésperas do evento, o clima já era mais tranquilo e harmônico entre docentes e discentes. As bancas avaliadoras foram organizadas, envolvendo de servidores da área técnica. O fato de não ter apenas professores nas bancas foi interessante, pois o olhar de quem está de fora do processo ajuda a perceber elementos não considerados anteriormente.

Nos dias 11 e 12 de junho, os estudantes apresentaram suas ações e surpreenderam os presentes com a diversidade de projetos executados: Hortas Comunitárias (tipo verão); Hortas Escolares; Hortas Suspensas; Tecnologias Sociais (bomba hidráulica); Reuso de Águas Cinzas em Hortas Escolares; Produção de Milho Hidropônico para alimentação animal; e Levantamento Etnobotânico de propriedade familiar.

Foi possível perceber nas apresentações, que os discentes conseguiram articular os conhecimentos de diversas áreas difundidos durante o curso Técnico em Agropecuária, assim como técnicas adotadas pelas comunidades que representam tradições que se perpetuam há centenas de anos no trato da produção agrícola e animal. À partir dessa troca de experiências, demonstraram que ora as técnicas comunitárias são adequadas ora precisam de aprimoramento, do mesmo modo que as técnicas científicas, algumas vezes precisam se adequar ao contexto geográfico e ambiental para dar resultados positivos no manejo agropecuário.

Apesar do desafio e dificuldades no trajeto, a avaliação adotada trouxe resultados significativos para a formação técnica, pois o diálogo entre docentes e discentes melhorou, o respeito aos saberes tradicionais aumentou e as aprendizagens se integraram, fazendo sentido para a atuação futura desses sujeitos no mundo do trabalho.

É importante ressaltar que a metodologia da Alternância propicia um trabalho integrado, haja vista que é imprescindível a capacidade de diálogo, de compreensão do outro como uma pessoa que também está em processo de formação, uma vez que a alternância requer uma constante reflexão da práxis. Nela, todos os sujeitos envolvidos estão em constante movimento, diante de muitos desafios e contradições que exigem de todos os sujeitos da formação uma complexa rede de relações. A interação entre Tempo-Escola e Tempo-Comunidade é uma tentativa de acompanhar a capacidade de movimento que é inerente ao ser humano e ao conhecimento. Uma vez que o conhecimento traz em si a ideia de movimento, a capacidade de renovação que se estabelece na vida cotidiana, o ir e vir do educando mediados pela pesquisa provocam e suscitam a compreensão dos diferentes tempos de formação em uma dimensão integradora.

Conforme a Resolução CNE/CEB nº 06/2012, que define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Profissional Técnica de Nível Médio, a avaliação da aprendizagem visa à progressão para o alcance do perfil profissional de conclusão, sendo contínua e cumulativa, com prevalência dos aspectos qualitativos sobre os quantitativos, bem como dos resultados ao longo do processo sobre os de eventuais provas finais (BRASIL *apud* IF BAIANO, 2016).

Desse modo, a avaliação se coloca como uma prática investigativa, diagnosticando as dificuldades dos estudantes e reorientando o processo pedagógico. Para tanto, faz-se necessário que se dê com instrumentos diversificados, no sentido de promover diversas habilidades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entendendo que a avaliação da aprendizagem ainda é um desafio nas instituições de ensino, a intenção deste texto foi descrever e refletir sobre a experiência avaliativa adotada no curso Técnico em Agropecuária ofertado pelo IF Baiano *Campus Serrinha*.

Abordei a organização formativa na perspectiva da Pedagogia da Alternância, enfatizando o papel do componente curricular Seminário Integrador na articulação entre as aprendizagens no Tempo-Escola e àquelas adquiridas no Tempo-Comunidade. Foi possível perceber que essa metodologia, auxilia na integração dos conteúdos e na relação entre conhecimento científico e saberes tradicionais.

A avaliação da aprendizagem quando busca superar o paradigma punitivo, deixa de, apenas, observar e registrar o saber transmitido e passa a dialogar em conjunto sobre o objeto do conhecimento, colocando-se como ação reflexiva e desafiadora no intuito de promover melhores oportunidades de desenvolvimento aos estudantes, ou seja, o próprio processo avaliativo se coloca como mais um momento para a mediação do conhecimento. Nesse sentido, conclui-se que a experiência avaliativa foi válida, mas está longe de esgotar as possibilidades de promover espaços formativos à partir da avaliação. É preciso ainda aprofundar os estudos sobre essa temática que ainda inquieta docentes e assusta discentes.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei nº 9. 943 de 20 de dezembro de 1996. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. **Diário Oficial da União**. Brasília, DF. Disponível em <http://www.senado.gov.br> Acesso em: 10 de maio de 2019.

_____. Ministério da Educação. **Resolução Nº 6 CNE/CEB**, de 20 de setembro de 2012. Define Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Profissional Técnica de Nível Médio.

GIMONET, Jean-Claude. **Pedagogia da alternância: alternância e desenvolvimento**. Brasília: União Nacional das Escolas Famílias Agrícolas do Brasil, 1999.

HOFFMANN, J. **Avaliação, mito e desafio: uma perspectiva construtivista**. 43ª Ed. Porto Alegre, RS: Mediação, 2013.

_____. **Avanços nas Concepções e Práticas da Avaliação**. Recife: SENAC, s/d. Disponível em <http://www.pe.senac.br/congresso/anais/2015/arquivos/pdf/atlas/Texto1JussaraHofman.pdf>

KUMMER, L. **Metodologia participativa no meio rural: uma visão interdisciplinar**. conceitos, ferramentas e vivências. - Salvador: GTZ, 2007.

LUCKESI, Cipriano. **O que é mesmo o ato de avaliar a aprendizagem**. Pátio. Porto Alegre: ARTMED. Ano 3, n. 12 fev./abr. 2000. Disponível em <https://www.nescon.medicina.ufmg.br/biblioteca/imagem/2511.pdf>. Acesso em 20 de julho de 2019.

MINAYO, M. C. de S. **O desafio do conhecimento**. São Paulo: Hucitec, 1993.

MOURA, Dante Henrique. A formação de docentes para a educação profissional e tecnológica. In: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica. **Revista Brasileira da Educação Profissional e Tecnológica**. v. 1, n. 1, (jun. 2008 -). Brasília: MEC, SETEC, 2008.

VASCONCELOS, Celso dos Santos. **Superação da lógica classificatória e excludente**. Vol. 05. Coleção Cadernos Pedagógicos do Libertad. São Paulo: Libertad, 1998.